

v.2, n.12, 2025 - Dezembro

REVISTA O UNIVERSO OBSERVÁVEL

**STEVE BIKO: A Consciência Negra Como Ferramenta De
Emancipação Global E Resistência Ao
Neorracismo e à Colonialidade**

**STEVE BIKO: Black Consciousness As A Tool For Global
Emancipation and Resistance to
Neo-racism and Coloniality**

José Antonio Nunes Aguiar¹

Revista O Universo Observável

DOI: 10.69720/29660599.2025.000250

ISSN: 2966-0599

¹Mestrando em Direito e Afirmação de Vulneráveis, Universidade Ceuma, São Luís/MA e graduado em Direito pela UFMA

E-mail: joseantonionunesaguiar145@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2605-6343>





v.2, n.12, 2025 - Dezembro

**STEVE BIKO: A Consciência Negra Como Ferramenta De
Emancipação Global E Resistência Ao
Neorracismo e à Colonialidade**

**STEVE BIKO: Black Consciousness As A Tool For Global
Emancipation and Resistance to
Neo-racism and Coloniality**

José Antonio Nunes Aguiar



PERIÓDICO CIENTÍFICO INDEXADO INTERNACIONALMENTE

ISSN
International Standard Serial Number
2966-0599
www.ouniversoobservavel.com.br

Editora e Revista
O Universo Observável
CNPJ: 57.199.688/0001-06
Naviraí – Mato Grosso do Sul
Rua: Botocudos, 365 – Centro
CEP: 79950-000

RESUMO

Este artigo analisa a vida, a filosofia e o assassinato de Stephen Bantu Biko (1946–1977), fundador do Movimento da Consciência Negra (BCM) na África do Sul. Argumenta-se que a ideologia de Biko, centrada na libertação psicológica e na autoemancipação da população negra, permanece vital não apenas para a África do Sul pós-apartheid, mas como um paradigma fundamental para o enfrentamento do racismo estrutural, do neoracismo e da persistência da colonialidade em contextos diaspóricos, como as Américas e a Europa. O trabalho busca resgatar a atualidade do pensamento de Biko como um imperativo ético e político na luta global pelo respeito e dignidade da pessoa negra, posicionando-o como um precursor da desconstrução epistemológica colonial.

Palavras-chave: Steve Biko; Consciência Negra; Antirracismo; Emancipação Negra; Decolonialidade; África do Sul.

ABSTRACT

This paper analyzes the life, philosophy, and assassination of Stephen Bantu Biko (1946–1977), founder of the Black Consciousness Movement (BCM) in South Africa. It is argued that Biko's ideology, centered on the psychological liberation and self-emancipation of Black people, remains vital not only for post-apartheid South Africa but as a fundamental paradigm for confronting structural racism, neo-racism, and the persistence of coloniality in diasporic contexts such as the Americas and Europe. The work seeks to reclaim the relevance of Biko's thought as an ethical and political imperative in the global struggle for the respect and dignity of Black individuals, positioning him as a precursor of colonial epistemological deconstruction.

Keywords: Steve Biko; Black Consciousness; Anti-racism; Black Emancipation; Decoloniality; South Africa.

RESUMEN

Este artículo analiza la vida, filosofía y asesinato de Stephen Bantu Biko (1946–1977), fundador del Movimiento de Conciencia Negra (BCM) en Sudáfrica. Se argumenta que la ideología de Biko, centrada en la liberación psicológica y la autoemancipación de la población negra, sigue siendo vital no solo para la Sudáfrica post-apartheid, sino como un paradigma fundamental para enfrentar el racismo estructural, el neoracismo y la persistencia de la colonialidad en contextos diaspóricos, como las Américas y Europa. El trabajo busca rescatar la actualidad del pensamiento de Biko como un imperativo ético y político en la lucha global por el respeto y la dignidad de la persona negra, posicionándolo como un precursor de la desconstrucción epistemológica colonial.

Palabras clave: Steve Biko; Conciencia Negra; Antirracismo; Emancipação Negra; Decolonialidad; Sudáfrica.

1. INTRODUÇÃO

A história das lutas por direitos civis e humanos é marcada por figuras cuja influência transcende o tempo e o espaço de seus conflitos imediatos. Entre esses ícones, a figura de Stephen Bantu Biko (1946–1977) emerge com uma imponência inquestionável. Líder carismático e intelectual brilhante, Biko não apenas desafiou a brutalidade do regime do *apartheid* na África do Sul, mas ofereceu ao mundo uma filosofia robusta: a **Consciência Negra** (*Black Consciousness*). Sua morte sob custódia policial em 1977 transformou-o em um mártir global, catalisando a condenação internacional do regime segregacionista.

Contudo, limitar o legado de Biko à história sul-africana seria ignorar a potência universal de seu pensamento. A essência da mensagem de Biko — a necessidade de o negro libertar-se da opressão psicológica internalizada e reafirmar sua humanidade e dignidade inerentes — ressoa profundamente em um mundo onde o racismo assume novas formas. O neoracismo e a discriminação sistêmica persistem em nações da América, Europa e em todo o continente africano, manifestando-se em desigualdades

socioeconômicas, violência de Estado e marginalização cultural.

Este artigo científico propõe-se a revisitar a teoria da Consciência Negra de Biko, argumentando que ela fornece lentes analíticas e ferramentas de mobilização cruciais para os movimentos negros contemporâneos. A relevância de Biko não diminui com o passar das décadas; pelo contrário, ela se intensifica à medida que buscamos estratégias eficazes para combater a persistente subalternização racial e a colonialidade (QUIJANO, 2000). Homenagear Biko, portanto, não é apenas um exercício de memória histórica, mas um imperativo de ação presente, exigindo uma análise rigorosa de como sua ideologia pode informar as lutas atuais pela dignidade humana global, reconhecendo-o como um precursor da desconstrução epistemológica colonial.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente estudo baseia-se em um referencial teórico que cruza a teoria social sul-

africana com a teoria crítica da raça e os estudos decoloniais.

- **Biko como Teórico:** O pilar central é a obra do próprio Biko, especialmente seus escritos compilados em *I Write What I Like* (Eu Escrevo o Que Quero), que definem a Consciência Negra como uma "atitude mental" e um "modo de vida", focando na agência negra autônoma.
- **Frantz Fanon:** Utilizamos a obra de Fanon (*Pele Negra, Máscaras Brancas*) como base para entender a alienação psicológica do colonizado e a necessidade de uma práxis libertadora, diálogo direto com Biko.
- **Perspectiva Decolonial:** Mobilizamos autores como Aníbal Quijano (sobre *colonialidade do poder*) e Walter Dignolo (sobre *desconexão e epistemologias de fronteira*), argumentando que a práxis de Biko se alinha intuitivamente com a necessidade de desconstruir o conhecimento eurocêntrico imposto pela colonialidade.

3. PROBLEMATIZAÇÃO

A questão central de pesquisa que guia este trabalho é:

De que maneira a filosofia da Consciência Negra de Steve Biko pode ser recontextualizada e aplicada como um marco teórico eficaz para os movimentos antirracistas que operam fora do contexto sul-africano original, especificamente na Diáspora Africana e nas Américas, frente aos desafios do neorracismo e da manutenção da colonialidade no século XXI?

O problema reside na transposição de uma ideologia nascida sob um regime de segregação legal explícita (*apartheid*) para realidades onde o racismo é frequentemente negado, disfarçado sob o manto da "cegueira para a cor" (*colorblindness*) ou do multiculturalismo superficial, mas igualmente letal e opressor, e que perpetua a subalternidade epistemológica.

4. OBJETIVOS

4.1. Objetivo Geral

Analisar a pertinência e a aplicabilidade da filosofia da Consciência Negra de Steve Biko como um paradigma de emancipação e resistência ao racismo estrutural e à colonialidade, em contextos que transcendem a África do Sul do *apartheid*, com foco na Diáspora Africana contemporânea.

4.2. Objetivos Específicos

Contextualizar historicamente o surgimento do Movimento da Consciência Negra (BCM)

sul-africano no vácuo de poder deixado pela repressão do *apartheid*;

- Examinar o diálogo teórico entre a "libertação psicológica" de Biko e a teoria psicanalítica do colonialismo de Frantz Fanon;
- Identificar pontos de convergência entre a práxis de Biko e os movimentos antirracistas globais contemporâneos (e.g., *Black Lives Matter*);
- Argumentar a posição de Biko como um precursor das epistemologias decoloniais, desafiando o eurocentrismo e a colonialidade do saber.

5. JUSTIFICATIVA

A urgência deste estudo reside na persistência global das desigualdades raciais e na manutenção de estruturas de poder que perpetuam a subalternização da população negra, mesmo em regimes que se declaram democráticos e multiculturais. O racismo, em suas manifestações neorracistas e sistêmicas, continua a ser um problema social premente, evidente na violência policial, nas disparidades socioeconômicas e na marginalização cultural que afetam as comunidades negras nas Américas, na Europa e na África.

A figura de Steve Biko e a doutrina da Consciência Negra oferecem ferramentas analíticas e ideológicas cruciais que muitas vezes são subutilizadas ou confinadas a estudos históricos específicos sobre o *apartheid*. Justifica-se este trabalho pela necessidade de resgatar e reatualizar esse pensamento potente, demonstrando sua relevância universal. A pesquisa contribui para os campos dos estudos decoloniais, da sociologia da raça e dos movimentos sociais, fornecendo um referencial teórico que empodera a agência negra autônoma e desafia a "arma mais potente na mão do opressor: a mente do oprimido" (BIKO, 2018).

6. METODOLOGIA

A abordagem metodológica será qualitativa, utilizando pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo:

- **Tipo de Estudo:** Estudo teórico-analítico com abordagem comparativa e decolonial.
- **Fontes Primárias:** Análise exegética dos textos e discursos de Steve Biko.
- **Fontes Secundárias:** Revisão sistemática da literatura acadêmica sobre Consciência Negra, *apartheid*, teoria da raça e estudos decoloniais.
- **Procedimentos de Análise:** A metodologia focará na **Análise Crítica do Discurso (ACD)** dos textos de Biko para identificar categorias conceituais universais

(dignidade, autoaceitação, resistência psicológica) e sua aplicação comparativa a estudos de caso de movimentos antirracistas no Brasil e nos Estados Unidos (e.g., *Black Lives Matter*). A análise buscará estabelecer pontes conceituais entre a luta sul-africana e as lutas diaspóricas atuais, utilizando o referencial decolonial como lente interpretativa.

7. DESCRIÇÃO E ANÁLISE: O CONTEXTO SUL-AFRICANO E A GÊNESE DA CONSCIÊNCIA NEGRA

A ascensão de Steve Biko como líder ocorreu em um vácuo de poder na resistência sul-africana. No início dos anos 1960, o *apartheid* havia consolidado seu controle através de legislação draconiana, e a principal liderança do Congresso Nacional Africano (ANC), incluindo Nelson Mandela, estava presa em Robben Island ou no exílio. O regime de B.J. Vorster operava sob a crença inabalável da superioridade branca e da segregação racial total.

Neste cenário de repressão sufocante, Biko, como estudante de medicina, percebeu que a resistência política tradicional havia sido neutralizada. Ele identificou um problema mais profundo: a **desumanização internalizada** da população negra. O sistema do *apartheid* não apenas segregava fisicamente, mas também incutia um complexo de inferioridade no negro e um complexo de superioridade no branco.

7.1. O Ruptura Epistemológica: Do Multirracismo à Consciência Negra

A genialidade de Biko manifestou-se na sua ruptura com a abordagem multirracista promovida por grupos liberais brancos, que muitas vezes ditavam os termos da "ajuda" aos negros. Biko argumentou que essa abordagem perpetuava a dependência e a subalternidade.

A criação da *South African Students' Organisation* (SASO) em 1968 marcou o nascimento formal do Movimento da Consciência Negra (BCM). A doutrina era clara: a libertação negra deveria ser obra dos próprios negros.

"A Consciência Negra é uma atitude mental. É a forma como nos vemos a nós próprios. [...] Tira o negro da servidão psicológica." (BIKO, 2018).

Esta frase encapsula a desconstrução epistemológica colonial. Biko não estava apenas pedindo direitos civis; ele estava exigindo uma reestruturação radical da percepção de valor humano, desafiando a premissa de que a humanidade e a civilização eram sinônimos de branquitude. Ao declarar que "Black is Beautiful" (Negro é Lindo), ele realizava um ato performático de resistência decolonial, valorizando a estética, a cultura e a

identidade negra que o regime tentava apagar. Esta abordagem visava diretamente o cerne do controle opressor, pois Biko compreendia que a batalha principal era ideológica. Como ele notoriamente afirmou:

"A arma mais potente na mão do opressor é a mente do oprimido." (BIKO, 2018)

A Consciência Negra, portanto, era a ferramenta para neutralizar essa arma, promovendo a autoemancipação e a rejeição da subalternidade imposta pelo sistema.

7.2. O Diálogo Teórico: Biko e a Teoria Psicanalítica do Colonialismo de Frantz Fanon

A Consciência Negra de Biko encontra seu principal substrato teórico, ainda que por vezes de forma intuitiva e contextualizada à realidade sul-africana, na obra de **Frantz Fanon** (1925-1961), o psiquiatra e filósofo martinicano.

Fanon, em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008), dissecou o impacto devastador do colonialismo na psique do colonizado e do colonizador. Sua análise da **alienação racial** e da **"epidermização" da inferioridade** oferece o arcabouço conceitual exato para entender o que Biko chamou de "servidão psicológica":

- **A Desumanização:** Fanon argumentou que o negro é forçado a ver a si mesmo através dos olhos do opressor branco, internalizando a imagem de ser "subumano" ou "incivilizado".
- **A Rejeição da Máscara:** A práxis de Biko de rejeitar a "educação branca" e afirmar que "negro é lindo" é uma aplicação direta da necessidade fanoniana de o oprimido quebrar essa "máscara branca" e reassumir sua humanidade.

Enquanto Fanon analisava a patologia do colonialismo e a necessidade de uma violência libertadora, Biko traduziu essa patologia para uma prática de mobilização de massas no contexto do *apartheid*. A Consciência Negra, neste sentido, pode ser vista como a resposta sul-africana e decolonial à patologia descrita por Fanon: uma terapia coletiva e revolucionária para a mente colonizada.

8. O MARTÍRIO, O PONTO DE VIRADA GLOBAL E A LENTE DA NECROPOLÍTICA

A eficácia e o perigo do movimento de Biko não passaram despercebidos pelo regime do *apartheid*. A ameaça que ele representava não era militar, mas ideológica, atingindo o cerne da justificação moral do regime. A resposta do Estado foi a violência nua e crua, um exemplo clássico do que Achille

Mbembe descreve como necropolítica — o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer, tornando a morte do

sujeito negro o instrumento máximo de controle político (MBEMBE, 2018).

8.1. A Morte Sob Custódia e o Escândalo Internacional

Biko foi preso pela última vez em agosto de 1977. Durante sua detenção, ele sofreu tortura brutal, resultando em graves lesões cerebrais. A subsequente negligência médica culminou em sua morte em 12 de setembro de 1977.

O encobrimento oficial — a alegação de que Biko morrera de greve de fome — foi rapidamente desmascarado pelo jornalista Donald Woods e pela autópsia independente. A revelação de que um homem jovem e saudável havia morrido de ferimentos na cabeça sob custódia policial expôs a face assassina do *apartheid*.

8.2. O Legado como Catalisador Global

A morte de Biko, mais do que qualquer outra prisão ou massacre da época, galvanizou a opinião pública internacional. Se o regime podia assassinar impunemente o líder da juventude dentro de suas próprias celas, nenhuma pessoa negra estava segura.

- **Ponto de Virada na Luta:** A morte de Biko intensificou as sanções internacionais contra a África do Sul. O Conselho de Segurança da ONU impôs um embargo de armas obrigatório em novembro de 1977, um movimento sem precedentes até então.
- **Símbolo de Resistência Inabalável:** Para a população negra, Biko tornou-se um mártir cuja dignidade permaneceu intacta mesmo na morte. Sua história, imortalizada em obras como o livro de Donald Woods e o filme *Grita Liberdade* (Cry Freedom), assegurou que sua filosofia continuasse a inspirar a resistência até o fim do *apartheid* e a libertação de Nelson Mandela.

9. A CONSCIÊNCIA NEGRA NA DIÁSPORA: RELEVÂNCIA ATUAL E A LUTA CONTRA A COLONIALIDADE

A análise da Consciência Negra de Biko não pode se limitar ao contexto histórico sul-africano. Sua ênfase na autoaceitação, na organização autônoma e na libertação psicológica oferece um marco teórico fundamental para a **Diáspora Africana** e para os movimentos antirracistas do século XXI.

9.1. Diálogo com o *Black Power* e o Pan-Africanismo

A filosofia de Biko dialoga diretamente com o movimento *Black Power* nos Estados Unidos, que também enfatizava o orgulho racial, a autodeterminação e a construção de instituições

negras independentes. Figuras como Stokely Carmichael (Kwame Ture) e a teoria do Pan-Africanismo de Kwame Nkrumah e Julius Nyerere compartilham a ênfase na solidariedade racial global e na necessidade de a África se libertar de amarras neocoloniais.

9.2. Biko e as Lutas Contemporâneas (e.g., Black Lives Matter)

A relevância de Biko hoje é inegável, especialmente em movimentos que combatem a violência de Estado e a persistência do racismo estrutural (neorracismo) nas Américas:

- **Libertação Psicológica na Era Digital:** A luta pela autoimagem e autoestima negra, central para Biko, continua nas redes sociais e na mídia, onde a representatividade e a valorização da estética negra desafiam os padrões eurocêntricos impostos pela colonialidade cultural.
- **Agência e Autonomia:** Movimentos como o *Black Lives Matter* (*Vidas Negras Importam*), ao exigirem que a narrativa sobre a violência policial seja contada pelas próprias vítimas e suas comunidades, ecoam o imperativo de Biko de que a luta deve ser liderada pelos próprios oprimidos, sem tutela branca.

A mensagem de Biko transcende a luta contra um regime legalmente segregacionista e aborda a raiz da opressão racial global: a desumanização sistêmica e a supremacia branca.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada analítica empreendida neste artigo, da África do Sul sob o *apartheid* aos contextos diaspóricos contemporâneos, passando pelo referencial teórico de Fanon e pela lente decolonial, demonstra que a figura e a filosofia de Stephen Bantu Biko são inquestionavelmente perenes. Longe de ser apenas um herói histórico confinado ao panteão sul-africano, Biko emerge como um doutrinador fundamental da emancipação negra global.

Respondendo à questão de pesquisa central, a filosofia da Consciência Negra de Biko pode, sim, ser recontextualizada como um marco teórico robusto e eficaz para os movimentos antirracistas atuais. A sua força reside na sua capacidade de transcender a luta contra a segregação legal explícita e atacar a raiz da opressão: a **colonialidade do ser** e do saber.

As contribuições de Biko para a luta global são densas e multifacetadas:

1. **O Imperativo Psicológico:** Ele nos lembra que a primeira batalha contra o racismo é pela mente e pela dignidade do oprimido. A libertação da servidão psicológica, tão bem

descrita por Fanon, é um pré-requisito para qualquer transformação política ou econômica real.

2. **A Agência Decolonial:** Biko foi um precursor prático da desconstrução epistemológica colonial. Ao insistir na autonomia negra e na validade das formas de conhecimento e organização africanas, ele desafiou a supremacia epistêmica eurocêntrica que ainda hoje marginaliza vozes negras nas academias e nas esferas de poder global.
3. **A Universalidade da Luta:** A sua morte brutal sob a necropolítica do *apartheid* transformou-o num mártir universal, unindo a luta sul-africana com as lutas por justiça racial nas Américas, na Europa e em todo o mundo. O seu legado inspira diretamente movimentos contemporâneos que exigem o respeito pela vida e pela dignidade negra, como o *Black Lives Matter*.

Concluimos que homenagear Steve Biko não é um mero exercício de memória histórica, mas um ato de compromisso político e ético. Seu trabalho oferece as ferramentas conceituais necessárias para que as comunidades negras, em qualquer latitude, continuem a luta pela autoemancipação. Biko vive na persistência da resistência negra, e sua visão de um mundo onde o negro é plenamente respeitado permanece como um farol a iluminar o caminho para um futuro verdadeiramente decolonial e justo.

11.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIKO, S. (2018). *Eu escrevo o que quero*. Tradução de Carolina Mendes. Prefácio de Nelson Mandela. São Paulo: Ática.
- BONILLA-SILVA, E. (2018). *Racism without racists: Color-blind racism and the persistence of racial inequality in America*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- CABRAL, A. (1979). *Unidade e luta*. Lisboa: Edições Nova Aurora.
- CALLINICOS, A. (1987). *Steve Biko: A biography*. London: Palgrave Macmillan.
- FANON, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira Mendes. Salvador: Editora UFBA.
- FANON, F. (2010). *Os condenados da terra*. Tradução de R. Lacerda. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- MBEMBE, A. (2018). *Necropolítica: Biopoder, necropolítica, descolonialização*. Tradução de Martha do Rosário. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições.

- MIGNOLO, W. D. (2017). *Desafios decoloniais hoje: Cátedra libre "Retos descoloniales"*. São Leopoldo: Editora da Unisinos.
- QUIJANO, A. (2000). Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, p. 201-242.
- WOODS, D. (1987). *Biko*. New York: Henry Holt and Company.